
**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:
INSTITUIÇÕES, AUTORES E TESES EM TENSÃO HISTÓRICA**

**HISTORIA DE LA EDUCACIÓN:
INSTITUCIONES, AUTORES Y TESIS EN TENSION HISTÓRICO**

**HISTORY OF EDUCATION:
INSTITUTIONS, AUTHORS AND THESES IN HISTORICAL TENSION**

Maria de Fátima Rodrigues Pereira¹
Dermeval Savini²
Maria de Fátima Félix Rosar³
Elza Margarida de Mendonça Peixoto⁴

Em tempos de destruição da natureza e do trabalho que afetam a sobrevivência da humanidade, de projetos históricos conservadores, de forte disputa e controle da educação, de judicialização da política, de massivas manifestações populares e de crescente interesse dos jovens pela política, *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, deliberadamente, dedica este número à História da Educação para que, mais uma vez, cumpra seu objetivo precípuo – promover o debate, o esclarecimento e assim contribuir para o avanço de movimentos sociais implicados na transformação das atuais relações de produção da vida. Neste sentido, acolheu e traz a lume textos e seus autores dedicados a explicar e analisar teses conhecidas, algumas amplamente difundidas, temas, abordagens, ora examinadas e descortinadas à luz da crítica marxista. O exame dos autores cujas produções constituem este número da *Germinal* estava a fazer falta dado o cenário de eterno presentismo, de pleora de informação que, na maioria dos casos, elide tempo, autorias, contextos, razões, passado e futuro, naturaliza, eterniza um único modo de existir, o do capital.

Inicia-se a Seção Debates com quatro textos apresentados e debatidos em mesa coordenada intitulada “Anos 1930 no Brasil: educação e luta”, no *Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente* promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo da Universidade Federal Fluminense (NIEP-Marx/UFF). Anita Leocádia Prestes, Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra, Marcos Cesar de Oliveira Pinheiro, Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão apontam uma questão importante que não teve, ainda, a atenção devida: que nos anos 30 e seguintes havia no Brasil projetos societários além dos do Capital. Isto porque, como disse Barão na introdução a essa mesa de debates: *os anos 1930 no Brasil ficaram marcados por intensos debates sobre a realidade nacional, por confrontos sociais significativos e*

movimentos que mobilizaram diversificados setores da sociedade brasileira. No entanto, nem sempre estes confrontos ganham relevo na historiografia da educação. Apesar da profusão de estudos, a historiografia da educação se caracterizou, por muitas décadas, por privilegiar os temas do pensamento liberal, os intelectuais e o movimento da Escola Nova, as reformas educativas comandadas pelo Estado no pós-1930 e o caráter centralizador, dualista e excludente que foi impresso aos níveis de ensino e aos processos de escolarização. Isto fica muito bem explicitado em todos os textos e especialmente no estudo comparado do Manifesto dos Pioneiros (1932) e o Manifesto dos Inspectores de Ensino do Estado do Rio de Janeiro (1934) que, conforme seu autor, Marcos Cesar de Oliveira Pinheiro colabora para delinear as tensões entre os projetos da esquerda e dos “liberais” no campo da educação, assim como as convergências existentes entre eles e que atravessam as décadas seguintes no que diz respeito à difusão da educação popular como instrumento da modernização, da democratização do país e da responsabilidade do Estado diante dessa tarefa.

A tensão, a disputa histórica por projetos societários, pedagogias e instituições, pode-se dizer, dá o tom, “costura”, esta edição da *Germinal*.

Nesta perspectiva há a considerar que consolidaram-se na historiografia e ensino de História da Educação teses liberais progressistas, como a defesa da escola pública, laica e gratuita em pauta na educação brasileira, desde o movimento escolanovista e o Manifesto dos Pioneiros, abraçadas e defendidas por marxistas e socialistas, como bem diz José Luis Sanfelice na entrevista ora publicada. Todavia, aos pesquisadores socialistas, como aponta Barão, cabem visões e teses que os liberais, mesmo progressistas, não conseguem reconhecer, porque tratam de considerar, no processo histórico em curso desde os anos 30 do século passado, a presença de projetos, de pedagogias a favor da formação omnilateral do homem, necessária à emancipação da classe trabalhadora com o que os autores desta edição se associam.

Sabe-se que toda a obra de pesquisa é intervenção social, teórica, política. O rigor no ofício de escrever a história exige objetividade na seleção das fontes, acolhimento e ou refutação exigente do conhecimento já consolidado, não lhe cabe, todavia, dizer-se impassível, sem partido.

Assim sendo, a seleção dos textos e sua colocação no corpo da revista, apoia-se em avaliação cujos critérios são teóricos e de classe. A Seção Artigos composta por 19 textos é aberta por Osvaldo Luis Angel Coggiola e José Adriano Barata Moura. O texto de Coggiola-*Origens do Movimento Operário e do Socialismo no Brasil*-, alentado em tamanho e de grande importância pela natureza do seu conteúdo –, pois, contrariando a tese do caráter tardio do movimento operário no Brasil, defende que “*Tanto o movimento operário brasileiro quanto manifestações ideológicas modernas dos oprimidos, socialistas ou anarquistas, começaram quando ainda vigorava no país a escravidão, que só foi abolida na penúltima década do século XIX*”. Barata Moura, em seu texto-*Mundialização e Sociedade Mundial. Apontamentos para uma Posição Ontológico-Política do Problema* –, datado de 2007, vésperas da crise de 2008, lembra-nos, considerando Aristóteles e Hegel, a aspiração do homem ao saber e que à filosofia cabe “conceber aquilo que é”. Considera que nessa tarefa “[...] importa, porventura, nunca perder de vista duas coisas, de mais larga implicação: por um lado, o enraizamento prático do pensar (que funda e modela a sua própria possibilidade), e, por outro lado, o papel emancipador, constituinte de uma humanidade esclarecida e enriquecida, que ele pode, e deve, desempenhar”.

Nesta senda, discorre sobre a globalização, chamando à arena do diálogo, intelectuais atuais, entre outros, Hayek, Castells, Hardt, Negri. Argui: ainda que o “quadro” se “apresente fundamentalmente unipolar de dominação mundial que se inclina perigosamente para o unilateralismo interventor e belicoso”, não se trata de uma “fatalidade natural”. Há, na contradição, “trabalho sério e complexo: o diálogo, exigente, dos povos, das culturas, das soberanias”.

Pode-se dizer que estes dois autores, cada um a seu modo, reforçam o teor deste editorial, há que rever teses consolidadas. Contribuem com os quatro autores e produções que os precedem e, de certo modo, também, abrem caminho aos artigos que vem em seguida, porque contextualizam e contribuem com cada um. Optou-se por agrupar os textos que seguem, considerando a aproximação das temáticas que apresentam.

Inicia-se com um bloco de quatro textos que dialogam entre si, uma vez que analisam instituições e intelectuais destacados na História da Educação nacional e inglesa, assim: Pedro Leão da Costa Neto e Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves apresentam estudo histórico acerca do Instituto Brasileiro de Filosofia e seu papel no cenário do pensamento filosófico do país; Caio Navarro de Toledo analisa a presença, polêmica, de Zeferino Vaz na história do ensino superior de São Paulo; Fabiana Rodrigues e Lucelma Braga trazem ao leitor contribuições de Florestan Fernandes à educação pública brasileira; Marisa Bittar nos remete aos seus estudos sobre Brian Simon (1915-2002), *o mais importante historiador da educação inglesa*. Entende que Simon *apropriou Gramsci em artigos, resenhas e cursos a partir da década de 1970*. O segundo bloco desta Seção é também composto por quatro artigos, os dois primeiros, respectivamente de Anita Schlesener e Gisele Masson abordam contribuições de Marx e Lukács aos estudos educacionais. Ainda, Kaatz considera e analisa quatro tentativas de socialismo na América Latina, Villela aborda a presença do marxismo historicista na formação de professores de jovens e adultos. Como a fazer uma pausa entre estes dois blocos e o próximo dedicado a estudos sobre o ensino superior, apresenta-se o artigo de Batista que nos remete a estudos da conjuntura e à necessária relação do trabalho e educação. O terceiro bloco está composto por cinco artigos de autoria de Trevisan Novaes, Cecilio Jilou, Cruz e Paula, Maués, Silva que tem como campo de encontro o ensino superior: expansão e reestruturação do ensino superior, trabalho e sofrimento de professores, a presença da EaD, sindicato da educação superior e políticas públicas e inserção periférica da universidade no Brasil. O último bloco desta Seção é composto por três artigos que abordam: contribuições de Francisco de Oliveira à Política no Brasil contemporâneo de Patschiki, educação profissional, capital e força de trabalho no Brasil de Silva e apontamentos sobre a política educacional de Souza. A entrevista publicada nesta edição traz o diálogo de Germinal com José Luis Sanfelice, que discorre sobre as contribuições do marxismo e de intelectuais marxistas ao campo da historiografia educacional. Lembra, conforme Erick Hobsbawm, que: *os historiadores jovens precisam se inteirar do pensamento marxista. O marxismo ainda tem grande potencial interpretativo do mundo de hoje. E, mais: o marxismo não é apenas teoria, mas, um imenso convite à práxis. Veja-se como exemplo a vida de Marx e Engels*.

Para compor este número que coloca ênfase na tensão, disputa por projetos históricos, pedagogias, instituições e autores do campo da História da Educação publicam-se na Seção Clássicos dois textos. O

primeiro traz a íntegra do *Manifesto dos Inspectores de Ensino do Estado do Rio de Janeiro ao Magistério e à Sociedade Fluminense*, de 1934, redigido por Paschoal Lemme em colaboração com Valério Konder, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Esse documento dialoga diretamente com a temática central da seção “Debates”. Já em seu título esse Manifesto faz contraponto com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, de 1932, ao se propor como “a reconstrução educacional do Estado do Rio de Janeiro”. E na formulação inicial, em alusão à frase de abertura do “Manifesto de 1932” proclamando que “na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação” e enfatizando que “nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional”, o “Manifesto de 1934” observa com ironia: “Escola leiga, obrigatória, única, ativa e progressista... complexo demais para ser entendido pelos governos... E o povo, coitado, o povo, que só sente a predominância dos problemas econômicos na hierarquia de todos os que o atormentam, não chegou sequer a perceber que lhe atiravam essa tábua de salvação”. Nas conclusões declara que a renovação das escolas não pode se realizar “sem a revisão da estrutura econômica da sociedade atual, capitalista”, acrescentando que nessa sociedade baseada na exploração do homem pelo homem qualquer plano de renovação do ensino fracassará por não servir aos interesses “de dominação da massa em benefício de uma minoria parasitária e improdutiva”. E volta a ironizar: “Escola ativa, progressista, socializada, única; pública, obrigatória, gratuita, mista e leiga... belíssimo programa, mas não para uma democracia, liberal por definição e capitalista de fato”.

O outro texto que compõe esta seção dos “clássicos” é o discurso de Lênin proferido em 2 de outubro de 1920 no III Congresso da União de Juventudes Comunistas da Rússia tratando das “tarefas das organizações juvenis”, intitulado as *Tarefas das Uniões da Juventude*. Esse histórico discurso de Lênin é de grande relevância para o debate proposto por este número de “Germinal” porque contém um posicionamento nítido sobre a tarefa fundamental da educação escolar de garantir, às novas gerações da classe revolucionária, a apropriação dos conhecimentos sistematizados elaborados e acumulados historicamente, como fica explícito nesta passagem: “seria equivocado pensar que basta aprender as consignas comunistas, as conclusões da ciência comunista, sem assimilar a soma de conhecimentos dos quais é consequência o próprio comunismo”. E vai mais além, afirmando taxativamente que “a cultura proletária não surge do nada, não é uma invenção dos que se chamam especialistas em cultura proletária. Isso é pura tolice. A cultura proletária tem que ser o desenvolvimento lógico do acervo de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, da sociedade latifundiária, da sociedade burocrática”.

Esses dois textos clássicos complementam, pois, magistralmente a proposta deste número da Revista “Germinal” de promover um debate aprofundado sobre o significado histórico da educação, de modo geral, e da educação brasileira, em particular. Um debate rico, consistente e radicalmente comprometido com a luta pela transformação da sociedade atual e construção de uma nova sociedade de base socialista.

Na Seção Resenhas, são apresentadas ao leitor as seguintes obras: *Gramsci no limiar do século XXI*, escrita por professores e pesquisadores próximos, ao já consolidado nacionalmente, Grupo de Estudos e

Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR); *A Escola não é uma empresa, no original em francês*- “L’ecole n’est pas entreprise: le néo-libéralisme à l’assant de l’enseignement public” e *O precariado: a nova classe perigosa*. Por fim, na Seção Resumos, apresentam-se uma tese e uma dissertação, respectivamente intituladas: *Emancipação humana e educação em Marx: para uma crítica da formação burguesa no horizonte da desigualdade social* e *Contribuições da Educação Física Escolar para a Formação Omnilateral do Ser Social: uma reflexão à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*.

Seria inócuo todo o trabalho dos autores que confiaram a *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* suas produções, se o debate não se realizar. Estamos todos, perante a urgência do tempo histórico, a interrogar a História da Educação brasileira, seus sentidos e finalidades no contexto em que se descontrói a ilusão do ideário liberal e neoliberal, diante da crescente tendência de descompromisso do Estado com a educação pública e do avanço dos negócios na área da educação, sob a intervenção do mercado, cenário em que se revela de forma ainda mais contundente a voracidade do capitalismo sobre os direitos dos trabalhadores.

Notas:

- ¹ Membro do Comitê Editorial e Organizadora deste número. Possui graduação em História pela Universidade de Coimbra (1976), mestrado em Metodologia de Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/ Unicamp (1999) e doutorado em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Atualmente é professora adjunta do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, da Universidade Tuiuti do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, Pesquisa Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, políticas educacionais, trabalho e educação. Email: maria.pereira@utp.br
- ² Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966) e doutorado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971). Em 1986 obteve o título de livre-docente; em 1990 foi aprovado no Concurso Público de Professor Adjunto de História da Educação da UNICAMP; e em 1993 foi aprovado no Concurso Público de Professor Titular de História da Educação da UNICAMP. Atualmente é pesquisa e desenvolvimento, ensino da Universidade Estadual de Campinas e professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas. É Professor Emérito da UNICAMP, Pesquisador Emérito do CNPq e Coordenador Geral do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia e História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação brasileira, legislação do ensino e política educacional, história da educação, história da educação brasileira, historiografia e educação, história da escola pública, pedagogia e teorias da educação. Email: derneval.saviani.2013@gmail.com
- ³ Membro do Comitê Editorial e Organizadora deste número Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (1975), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1982), doutorado em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e estágio de pós-doutorado na área de política e financiamento da educação realizado na Faculdade de Educação da USP (1999). Atuou como docente na Universidade Estadual do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão e Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, realiza pesquisas e coordena no Maranhão o Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) cuja coordenação geral encontra-se no Departamento de Filosofia e História da Educação da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na área de Política e Administração de Sistemas Educacionais e no ensino e pesquisa na área de Filosofia e História da Educação, dedicando-se aos seguintes temas: política educacional, historiografia, história da educação, administração educacional e financiamento da educação básica. Email: mffrosar@uol.com.br
- ⁴ Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de Lisboa. Doutora em Filosofia e História da Educação (2007) pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Mestre em Educação Física (1996) pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Professora Adjunta 3 da Universidade Federal da Bahia (2011-). Atuou no Programas de Pós-Graduação "Mestrado Associado em Educação Física UEM/UEL" (2008-2013). Atua no "Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFBA" (2011-), linha Teoria Marxista, Pedagogia Socialista, Educação Física e Esportes. Orientadora de Mestrado e Doutorado. Pesquisa a contribuição da Concepção Materialista e Dialética da História para a prática pedagógica, a formação de professores, a produção do conhecimento e as políticas educacionais. Atuou como pesquisadora nos projetos (a) do Diagnóstico

Nacional do Esporte; (b) Epistefe Nordeste; É membro do Grupo HISTEDBR e líder do Grupo Marxismo e Políticas de Trabalho e Educação. Editora da Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate. Email: elza.peixoto@yahoo.com.br